

## **As Educações Ambientais insistem e lutam: (re)existências, vivências, experiências**

Tornou-se obrigatório reclamar da toxicidade. Tornou-se? Dos discursos, dos pensamentos, das ações, dos parasitismos e dos constantes horrores protagonizados pelas disputas pelo poder. Seja nas esferas micropolíticas, seja nas esferas macropolíticas. O efeito tóxico proporcionado pela guerra de palavras nas universidades, nas escolas, nos bares, nas redes sociais, enfim, nos espaços públicos e privados, contamina, com saturação cada vez mais intensa, as esferas da vida cotidiana.

Talvez, o veneno destilado na guerra de posicionamentos, a qual se impõe, aparentemente, crônica e incrustrada nos relacionamentos contemporâneos a partir de compreensões tão irrisórias e espasmódicas da vida política e social de nossos tempos, seja originado de velhas querelas, intimamente ligadas às miseráveis conclusões sobre bem e mal, verdade e mentira, belo e feio. As quais, cada vez mais, afloram de vozes que jamais seriam capazes de ver as outras como si próprias, em suas benesses e malevolências, em suas fortalezas e suas fossas enegrecidas, pois estão por demais carregadas com de compostos pesados, originados de ideias e paraísos artificialmente construídos sobre estruturas de palha.

O produto contaminado de frágeis e supérfluas conclusões das transcendentalidades que separam, dividem e massacram quem não se oferece ou/e se alista às linhas identitárias dos ideais nefastos das superstições tenebrosas que assombram nossos tempos, é justamente a incapacidade de colocar as diferenças para dialogar, conectar e criar em encontros, espalhando a guerra e a barbárie na qual estamos, todos e todas, cada vez mais mergulhados.

Os paraísos criados a partir do fora, que insistem em guiar nossas vidas a partir justamente daquilo que elas não criam, fazem com que elas se submetam às mais insanas perseguições ao que jamais vão alcançar, pois não existem, imanentemente, em nossas naturezas, e muito menos na natureza do mundo. Ao se impor como objetivos e vida individual e coletiva, os devaneios históricos e neuróticos de perfeições e plenitudes promovidos pelo mundo das ideias, corre-se o risco de perder a capacidade de criação e conexão com aquilo que já temos.

Nesse sentido, esvai-se o mundo material, não se alcança o paraíso artificial, e sobra, somente, o inferno, as trevas, o diabo...

Ao transformar a política, a educação, a ciência, a ecologia, enfim, a vida, em uma disputa inconsequente para se chegar a um lugar primeiro que não está no horizonte, mas na cabeça psicótica de lunáticos fascistas – aos quais corremos o risco de nos associarmos devido ao seu doce e sutil discurso de cooptação e unificação – tornamos essas esferas em ensandecidas armas de uma infundável guerra pelo poder, na qual somente alguns são capazes de chegar ao topo de uma cadeia alimentar necrófaga e apodrecida.

A educação ambiental, como tributária dos encontros entre a política, a ciência, a educação, a ecologia e a cultura, também é atravessada pelo (tóxico) risco de se alinhar à perspectiva do estabelecimento de proposições idealistas, identitárias, excludentes e repressoras de outras educações ambientais que não sejam aquela que se apresente como a mais promissora de criar cenários edênicos para a vida no planeta.

Nesse sentido, o que de pior pode acontecer – e é o cenário que se desenha não somente no Brasil contemporâneo, mas nos contextos onde o posicionamento governamental descamba, cada vez mais, para regimes opressores de tendência totalitária e fascista – não é somente essa educação ambiental tornar-se única e autofágica, mas ao ser banida das esferas institucionais e da vida cotidiana nas trocas partidárias da governança, de levar consigo para o buraco toda uma miríade de outras perspectivas, muito mais abrangentes, libertárias, combativas, resistentes, criativas, alegres e imanentes. Ou seja, efetivas entusiastas da vida. Ao invés de prometerem universos de perfeição e plenitude, estão constantemente buscando criar novas ecologias, educações, políticas e formas de vida, a partir daquilo que já carregam consigo.

Portanto, esse dossiê é uma granada contra os inimigos e detratores das ecologias que se propõe como perspectivas políticas de movimentos sociais e educativos. Esses inimigos, ao tomarem o poder nos últimos tempos, tratam educadores, ambientalistas e militantes de uma forma geral como párias políticos e morais. E também se quer como um dardo de zarabatana contra qualquer possibilidade interna de a educação ambiental voltar a se envolver com os exercícios de poder, promotores de micro e macro fascismos, as quais também são responsáveis pela situação de assombro, o qual, no mínimo, precisamos denunciar, combater e execrar...

Os textos das e dos colegas que estão reunidos aqui são fruto de educações ambientais múltiplas e de perspectivas ecologistas em educação que, mais do que se inspirarem em

ortodoxias e catecismos ambientalistas, há muito desgastados e corroídos, são criações efetivas de possibilidades de pensar e fazer novas formas de pensar e agir no encontro entre as educações e as ecologias. Se constantemente utilizamos os conceitos no plural para designar essas formas de posicionar-se no mundo real e físico em que realmente vivemos, é justamente para evitar que únicas e incontestáveis formas de educação ambiental se sobreponham às outras, em projetos cuja intenção é degustar dos sórdidos exercícios de poder.

São textos de jovens pesquisadores e doutores na educação ambiental e na educação de um modo geral, sendo boa parte em parceria com seus orientadores e/ou orientandos. Há em comum entre eles – e me encaixo no contexto também – o fato de terem de enfrentar uma desconcertante situação de difamação e escrutínio das perspectivas ecologistas, por parte dos setores mais fascistas e reacionários da sociedade brasileira, que tomaram o poder com a promessa de jogar pelo ralo todos os esforços promovidos pelos ambientalistas nos últimos 50 anos, e que tem como o maior exemplo do ódio aos ecologistas um “ministro” de meio ambiente – o qual, aliás, investigado que desdenha – da importância histórica, política e social de Chico Mendes.

As autoras e autores desse dossiê estão conectados entre si por buscarem, cada um a seu modo, vincular a educação ambiental aos exercícios cotidianos de construir novas formas de vida menos predatórias, barbáricas, violentas, doentes e suicidas. Não são propostas de unificar a educação ambiental em um discurso único, totalizador e homogeneizante, mas modos muito distintos entre si de conectar a educação e a ecologia na vida cotidiana, escolar, profissional, política e cultural.

Constroem-se como múltiplas e plurais educações ambientais, que estão impedidas de atrelarem-se a um discurso único, pois não estão comprometidas a buscar a ecologia como a verdade que guiará os humanos à salvação da situação de olhar um futuro aterrorizante que assombra a humanidade se não curvar-se à verdade do apocalipse ambiental, mas estão vigorosamente empenhadas na construção de novas formas de ser e fazer não seduzíveis por discursos messiânicos de punição e redenção. As educações ambientais presentes nesse conjunto de artigos, são ao mesmo tempo, resistências, (re)existências, vivências, experiências e construções de novas relações entre a educação e o meio ambiente.

O artigo que abre o dossiê, da professora Shaula Maíra Vicentini de Sampaio, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), intitulado

“Como criar uma paisagem em ruínas? Deslocamentos, desconstruções e a insistência de pensar a Educação Ambiental no Antropoceno”, discute, justamente, a questão das metanarrativas e verdades que atravessam o campo da educação ambiental brasileira, sugerindo deslocamentos, rupturas e desmoronamentos que promovam outros pensares na área.

O texto seguinte, “Educação Ambiental Crítica: da institucionalização à crise”, do professor Carlos Roberto da Silva Machado, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), e do professor mestre Bruno Emílio de Moraes, discute o processo que levou a educação ambiental brasileira se tornar institucionalizada, e sua subsequente crise, sugerindo que educações ambientais mais diversas e ligadas à vida cotidiana ou, como dizem os autores, “educações ambientais vindas de baixo”, desafiem os limites impostos pelas hegemonias contemporâneas.

Os professores Ivo Dickmann, da Unochapecó, e o professor Claudemir Stanqueviski assinam o texto “Pedagogia da resistência: aportes críticos para uma Educação Ambiental Freireana”, no qual, em um momento de absurdo vilipêndio contra a obra, a memória e o legado de Paulo Freire, sugerem que uma educação ambiental que tenha como perspectiva uma orientação baseada na obra do patrono da educação brasileira pode garantir uma formação política e cidadã aos educandos e educandas.

A parceria internacional dessa edição e dossiê da revista *Quaestio* apresenta o texto “Cambio climático y educación ambiental: representación social de estudiantes de tres universidades privadas de la ciudad de México”, construído pelo professor Miguel Ángel Arias Ortega, da Universidad Autonoma de La Ciudad de Mexico, e pela professora Rosa Maria Mayela Limones Muñiz, da Universidad Intercontinental do México, e apresenta um estudo das representações sociais de estudantes universitários mexicanos, a respeito do aquecimento global e das mudanças climáticas.

O quinto artigo desse dossiê, escrito pela professora Martha Tristão, da Universidade Federal do Espírito Santo, e pelo professor Rosinei Ronconi Vieiras, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, intitulado “A vida como aposta política: uma educação ambiental pensada sob a ótica e ética Foucaultiana do ‘cuidado de si’”, discute as possibilidades de problematizar e criar uma educação ambiental que seja capaz de sugerir e potencializar a criação de uma educação ambiental voltada para, como sugerem a autora e o autor, uma “guinada ético-política” na construção de novas subjetividades.

No texto “A natureza entre o rural e o urbano: educação ambiental e fabricação de um discurso das HQs do Chico Bento”, os colegas da FURG Sergio Ronaldo Pinho Junior, Paula Corrêa Henning e Virginia Tavares Vieira apresentam o discurso da natureza e as possibilidades de pensar em Educação Ambiental a partir das histórias em quadrinhos do Chico Bento, potencializando as possibilidades educativas desses materiais.

A professora Elenita Malta Pereira, do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, apresenta o artigo “História ambiental e o ensino de história: uma experiência de Nowtopia”, no qual, ao narrar as experiências produzidas durante as atividades junto à alunas e alunos de graduação em História, pode promover um debate entre o Ensino de História e a História Ambiental, e agregando as preocupações ao redor das questões entre natureza e sociedade à formação de professores.

Em “Há uma horta no meio da cidade”, o professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Soler Gonzalez, e a professora Andréia Teixeira Ramos, doutora pela Universidade de Sorocaba, narram uma atividade realizada junto às alunas e alunos dos cursos de Pedagogia e Geografia, na qual promovem uma série de diálogos entre as propostas e concepções do Projeto Narradores da Maré e as perspectivas ecologistas em educação, em todo seu escopo teórico baseado em Paulo Freire e Marcos Reigota.

Por fim, o texto “As escolas não tradicionais no século XXI: que escolas são estas e como a relação sujeito-ambiente auxilia a sua construção”, das professoras Lavínia Schwantes e Juliana Artigas Flores, ligadas também à FURG, traz o conceito e as experiências das chamadas escolas não-tradicionais, e busca construir como a relação sujeito e ambiente está presente constantemente no trabalho cotidiano dessas escolas.

Esse dossiê inaugura e se insere nas comemorações dos 20 anos da revista Quaestio da Universidade de Sorocaba. Abordar a temática ambiental, em interface com a educação, é uma forma de enaltecer o amplo trabalho de pesquisa e produção de conhecimento que vem sendo construído, há mais de 20 anos no Programa de Pós-Graduação em Educação, pelas linhas de pesquisa ligadas às Educações Ambientais, Perspectivas Ecologistas de Educação, e pelos Estudos em Cotidiano Escolar, coordenados pelos estimadíssimos professores Marcos Reigota e Alda Romaguera, aos quais também é necessário, mais uma vez, que eu faça os devidos agradecimentos por terem permitido e potencializado esse dossiê, que esperamos que seja mais

uma das potentes flechas que transversalizam as lutas, cada vez mais necessárias, no campo da educação e do meio ambiente no Brasil.

Cabe lembrar também que esse dossiê se lança quinze anos depois de outro dossiê sobre educação ambiental, lançado nessa mesma revista *Quaestio* no ano de 2004, e que foi organizado pelo professor Marcos Reigota, em parceria com a saudosa professora Maria Lúcia de Amorim Soares. Era um momento no qual pensar em correr para as colinas - e seguindo a sugestão do refrão da (excelente) barulheira do Iron Maiden (2015) - não se configurava em uma possibilidade tão real e emergente quanto hoje, apesar de nossas insistentes lutas...

## Referências

MAIDEN, Iron. **Run To The Hills**. 7 ago. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=86URGgqONvA>. Acesso em: 8 abr. 2019.

Rodrigo Barchi<sup>1</sup>

Organizador

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Ibirapuera.